

“A beleza de ser um eterno aprendiz”: Uma palavra sobre a formação do psicólogo

“The Beauty of Be an Eternal Apprentice”: a Word About the Psychologist Graduation

Maria Cristina Fernandes Lima *

RESUMO:

O texto analisa, a partir da experiência da autora na Universidade Federal Fluminense, a formação nos cursos de Psicologia, mostrando como algumas práticas dessa formação estão naturalizadas, sendo reproduzidas sem questionamento. Através do contato com autores como Deleuze, Guattari e Foucault e com a Análise Institucional, a autora reflete sobre a formação marcada por um discurso especialista hierarquizado e pelo clássico modelo clínico dual, e constata também a presença de algumas práticas instituintes que visam romper com o dizer/fazer instituído, lutando por uma formação e supervisão mais críticas em nossos cursos, a fim de formar um profissional mais implicado com as suas práticas cotidianas e seu lugar no contexto social.

Palavras-chave: formação do psicólogo, Análise Institucional, discurso especialista.

ABSTRACT:

From the author experience at the Fluminense Federal University, the text analyses the graduation on the psychology courses, showing how some practices of that graduation are naturalized, being reproduced without questioning it. From the contact with others authors, like Deleuze, Guattari, Foucault and with the Institutional Analysis, the author considered the graduating process characterized by an hierarchical specialist speech and by the classic clinical dual model, and established also the presence of some institutionals practices that aim to break the used ‘to say/ to do’ practice, fighting for a more critical training and supervision in ours courses, in order to graduate a better professional in the matters of his daily practices and his place in the social context.

Key-words: graduation of the psychologist, Institutional Analyses, specialist speech.

Dez anos transitados pela instituição universidade, 1987 a 19971, marcados por dúvidas, inquietações, conflitos, impasses, mas também encontros, reencontros, alegrias, descobertas, solidariedade, desejos e utopias.

Resgatar este pedaço de tempo, aqui, não significa um saudosismo melancólico, nem mesmo um certo arrependimento daquilo que poderia ter sido e não foi, mas sim se apropriar de ferramentas para lutas cruciais que se fazem hoje presentes no campo social.

Vamos, assim, viajar pelo que foi o cotidiano da autora na sua formação como psicóloga, para podermos entender que as questões com as quais se debatia no passado ainda hoje persistem e se mascaram sob novas formas, novas roupagens. Saca, “aquelas novas idéias e antigos ideais” que ainda persistem de forma prenante: seja na ênfase dos cursos no âmbito da clínica, na dicotomia teoria/prática, na fragmentação da psicologia nas áreas clássicas de atuação ou no caráter científico da psicologia, expresso no parecer 403/62². Entretanto, cabe ressaltar que nem tudo na formação “psi” foi cercado de espinhos ou teve um gosto amargo de fel. Tanto ontem como hoje, encontram-se práticas instituintes que tentam romper com algumas práticas instituídas que se tornaram hegemônicas em nossa formação, buscando a valorização da diferença e a expansão da vida em sua multiplicidade.

No segundo semestre de 1987, eu começava o 1.º período da graduação em psicologia. Muita ansiedade e expectativa. Afinal, entrar para a universidade, ainda mais pública, significava ingressar em um novo mundo, bem diferente daquela chatice e rigor do segundo grau.

Anatomia, Complementos de Matemática, Teorias e Sistemas Psicológicos eram matérias tão díspares e sem relação, que eu nem sabia aonde isto iria me levar. Mas, já que estavam dentro do curso, achava que seriam matérias necessárias para a qualificação do psicólogo, naturalizando, deste modo, a formação “psi”.

Porém, um encontro nesta época foi fundamental para mim, delineando, conseqüentemente, minha posição futura: as aulas de filosofia dadas pelo professor Cláudio Ulpiano. Foi a primeira vez que tive contato com as obras de Foucault, Guattari, Deleuze, Platão, Aristóteles e Spinoza. Levei um baita susto. Afeto, ser afetado, corpos dóceis, disciplina, mundo das idéias... Era um papo muito cabeça, portanto, muito pesado para uma simples cabecinha que acabava de sair daquela formação reta do segundo grau. No entanto, fui profundamente afetada, no dizer de Spinoza, por estas lições que tomaram uma certa materialidade e sentido no decorrer do estágio, tornando-se instrumentos de militância por uma formação mais crítica.

Bom, o tempo foi passando e as disciplinas foram se sucedendo: Psicologia Geral: Psicanálise; Psicologia da Personalidade: Psicanálise; Psicologia do Desenvolvimento: Psicanálise. As outras abordagens, quando ministradas, eram somente acessórias da prática psicológica mãe: a Psicanálise. Eu achava isto muito estranho, mas não fazia críticas, pois, já que estava na grade curricular, deveria ser um requisito necessário para a prática de consultório. Olha aí a naturalização em ação, novamente! Mal sabia que a prática clínica de atendimento dual e, principalmente, a minha escolha pela clínica eram produções sócio-históricas.

Chegando o nono período, e com ele o estágio, chegava também a ansiedade. Afinal, eu iria estar frente a um cliente, cujas múltiplas problemáticas haviam sido dissecadas nas diversas aulas, ao longo dos últimos quatro anos, ratificando, dessa forma, a dicotomia teoria/prática.

E foi justamente no decorrer dos estágios nas áreas de Psicologia Escolar e Psicologia Clínica da Universidade Federal Fluminense e no estágio no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba que comecei a refletir criticamente sobre o sentido da formação do psicólogo, via supervisão.

Na convivência cotidiana com os objetos de trabalho destes estabelecimentos, como, por exemplo, os clientes do S.P.A., começou a surgir uma comunicação que não se encaixava nos moldes estabelecidos do saber “psi”, ou seja, havia dois discursos completamente diferentes - o discurso do chamado especialista e o discurso leigo.

A primeira reação frente a esta diferença foi a tentativa de procurar indícios nestas falas que se encaixassem nos modelos teóricos apreendidos como o saber do psicólogo, reafirmando, assim, os discursos científicos e o poder do especialismo. Desta forma, procurava realizar nada mais nada menos do que uma desapropriação dos sujeitos de suas próprias articulações de sentido, quer dizer, o discurso científico desqualificava os saberes que as pessoas produzem frente aos desafios que a vida cotidiana lhes apresenta, como sendo menores.

Contudo, quanto mais me debruçava sobre os livros, tentando encontrar alguma correlação entre os discursos, mais me perdia nos encontros com os clientes.

Foi neste contexto de muitas dúvidas e aflições que assisti uma palestra que consistia na apresentação da tese de doutorado da professora Cecília Coimbra.

Fui profundamente afetada por essa apresentação. A tomada de posição de Cecília frente à psicologia e à vida, tanto quanto seu percurso teórico, me cativaram. Quem sabe seu estágio não poderia ser um caminho que eu pudesse trilhar para buscar respostas às minhas indagações sobre a clínica, a psicologia, a universidade?

Foi através das várias discussões em supervisão, que oportunizaram um melhor aprofundamento nas leituras de Guattari, Deleuze, Foucault e a Análise Institucional, que comecei a perceber que estes discursos resistiam a ser enquadrados em nossos catálogos de classificação, agindo, assim, como verdadeiros analisadores das teorias e práticas “psi”. Neste sentido, o aspecto produzido como oculto na formação do psicólogo começou a se mostrar, apontando para a cristalização de muitos papéis, como os de professor e aluno, psicólogo e cliente, supervisor e estagiário, que são cotidianamente reproduzidos e/ou fortalecidos através da divisão social de trabalho no capitalismo, afirmando as relações de saber-poder. Ao naturalizar e sacralizar instituições como a ciência, o homem, a supervisão e o estágio, os personagens da trama da formação perderiam a noção de que as práticas sociais, particularmente as práticas profissionais, nas quais nos incluímos, forjariam, além de conceitos e objetos, novas subjetividades, novos sujeitos.

Como decorrência deste processo, comecei a perceber que eu, Maria Cristina, não era uma natureza humana dotada de livre arbítrio, mas sim uma produção que possuía formas de pensar e agir muito precisas.

Infelizmente, com o final dos estágios, aproximava-se também o final da minha graduação. Muito medo e expectativa. Sair da faculdade significava encontrar um mercado de trabalho onde não havia praticamente lugar para o profissional “psi”.

Mas uma intenção, possibilitada por estes estágios, afirmava-se cada vez mais em mim: a vontade de aprofundar a reflexão crítica sobre o sentido da formação em geral. Em resumo, a questão central de minhas inquietações girava em torno do saber que é perpassado/produzido/fortalecido na formação do profissional “psi”. O conhecimento que é produzido na universidade, dado este quadro dominante de reprodução das formas de saber-poder estar presente nesta instituição, pode ser veiculado em favor da emancipação humana? Há espaços, brechas, para isto?

Ao entrar para o mestrado, iniciou-se uma nova fase de um projeto de vida, cujas implicações, fluxos desejantes, produziram novos encontros, agenciamentos e composições de forças, que me habilitaram a pensar de outras formas as relações entre os homens.

Meu projeto de dissertação pretendia, inicialmente, fazer um levantamento das práticas de supervisão existentes nas faculdades de psicologia do Estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de produzir uma reflexão sobre as mesmas; isto é, o que produzem, a que demandas atendem e como se organizam. Ao mesmo tempo, pretendia resgatar suas gêneses históricas neste Estado, quer dizer, como foram implantados os Serviços de Psicologia Aplicada e seus estágios.

Para viabilizar tal empreitada, realizei uma pesquisa de campo no Estado do Rio de Janeiro, visando as diferentes práticas de supervisão em quatro faculdades de psicologia, sendo duas delas públicas e duas particulares. As duas universidades públicas foram identificadas pelas letras A e B e as particulares, por C e D, de acordo com o início de

suas atividades acadêmicas. Foram entrevistadas ao todo trinta e duas pessoas, sendo três supervisores e cinco estudantes por faculdade. Estes últimos foram subdivididos em alunos e estagiários. As entrevistas foram realizadas no período de setembro a novembro de 1996.

Com o decorrer das entrevistas, outros dados foram surgindo, reorientando e ampliando os rumos da pesquisa. O espaço da supervisão que, inicialmente, era o foco central de minhas indagações, acabou se constituindo em uma das estratégias utilizadas para que eu circulasse pelos cursos de graduação em psicologia, a fim de verificar como a formação está se configurando neste Estado e que práticas, subjetividades e instituições estão se fortalecendo.

Deste modo, através de uma trajetória não linear, fui constituindo a pesquisa e, conseqüentemente, a dissertação. Isto quer dizer que as análises foram construídas a partir dos encontros entre pesquisador e pesquisados, afetadas pela imprevisibilidade dos acontecimentos que emergiram durante o processo de estudo.

Para percorrer este caminho, utilizei, é claro, a leitura que Michel Foucault faz das gêneses das práticas “psi” e alguns conceitos referentes à Análise Institucional. Foram utilizadas também as contribuições teóricas de Guattari, principalmente no que tange à produção de subjetividades e processos de singularização. Assim, minha proposta - como muitas outras produções que circulam pela universidade - não pretendia ser a palavra última sobre a formação, mas apenas uma tentativa de entendimento das diversas problemáticas que atravessam o cotidiano dos cursos de graduação e da profissão.

Vale ressaltar que estas ferramentas foram utilizadas como instrumentos de luta contra o que é instituído e, portanto, percebido como natural. Isto porque a formação, da maneira como está predominantemente organizada - com sua ênfase no modelo clínico de intervenção, de caráter dual -, parece-me marcada por uma visão naturalizada do homem e das relações sociais, onde predominam os critérios de cientificidade, neutralidade, objetividade e tecnicismo. Desta forma, não pretendi entrar em uma discussão meramente instituída das práticas “psi”, mas sim atualizar sua história com as experiências produzidas, apontando acontecimentos ocorridos nessa mesma história e no próprio cotidiano da pesquisa como situações analisadoras, que pudessem apontar os efeitos de muitas dessas práticas e o que estão produzindo ao serem atualizadas nas ações dos protagonistas desse trabalho.

Para isto, utilizei as contribuições de Maria Helena Souza Patto e Cecília Coimbra. A primeira, ao resgatar a emergência da psicologia científica na sociedade ocidental do século XIX. A segunda, ao historicizar a disseminação das práticas psicoterapêuticas, especialmente no eixo Rio-São Paulo dos anos 70, mostrando-nos que alguns desses saberes visam enquadrar, corrigir e adaptar os homens aos moldes da produção capitalista.

Em suma, estas autoras nos revelam, através de seus trabalhos, que de neutras e assépticas algumas práticas psicológicas nada têm, pois visam justamente um projeto de dominação política muito perverso, que homogeneiza corpos e mentes de milhares de sujeitos.

Assim, ao me aventurar neste passeio pela formação, junto com todos os autores anteriormente citados e os atores entrevistados, alio-me a um exército que se apropria de todas as ferramentas utilizadas como uma máquina de guerra, quebrando com as certezas absolutas ditadas pela ciência e instrumentalizadas pelos especialistas.

Com isto, busca-se intervir na realidade, tentando levar os profissionais a pensar suas próprias práticas cotidianas, em que uma importante ferramenta é a análise das implicações: o pesquisador implicado é aquele que

analisa não só o lugar que ocupa na intervenção que está realizando, como também as implicações de suas referências e a sua posição na divisão social do trabalho. Isto quer dizer que vejo a formação como uma produção que, além de forjar conceitos, saberes e objetos, está produzindo, acima de tudo, subjetividades, tanto ao nível de discurso quanto ao nível de práxis.

Para finalizar, gostaria de enfatizar que, embora a formação, tal como está instituída na maioria dos cursos de psicologia, esteja ainda marcada por uma visão naturalizada do homem e das relações sociais, favorecendo, com isso, uma intervenção de caráter individualizante - muitos estudantes ainda ingressam na faculdade com uma demanda de cuidado de si -, constatei em minha pesquisa que a formação pode produzir práticas instituintes. Ou seja, são brechas que visam produzir processos de singularização, tentando romper, através de suas práticas de intervenção, com essas subjetividades dominantes, para que saberes tidos como menores possam eclodir.

Isso fica evidente, por exemplo, na faculdade B que, além de implementar disciplinas de cunho sócio-histórico como a faculdade A, terminou com o estágio por áreas de atuação, instituindo o estágio por projetos, na tentativa de quebrar com uma intervenção de caráter fragmentário que produz, a maior parte do tempo, especialismos.

Deste modo, estas práticas estão tentando reinventar cotidianamente as relações do homem com o corpo, com o tempo, com a vida e demais mistérios da existência.

Pensar a supervisão, o estágio e, conseqüentemente a formação, a psicologia, dentro desta lógica, é mergulhar em suas tramas, ver que sentidos nelas transitam para, posteriormente, fazer uma tomada de posição política, a fim de gestar novos mundos, diferentes daqueles da informação abstrata, da lógica cientificista, fazendo emergir novos universos de referência, formas outras de conceber o amor, o tempo, o encontro com a morte, com o desejo, com a dor e com a vida.

Contudo, perambular pelo cotidiano da formação, conhecendo seus personagens, seus conflitos, inquietações e alegrias, enfim, este processo, não foi, e não é, nada fácil. Supõe reavaliar o instituído que está em nós, abrindo brechas para o devir, para o acaso, para a imprevisibilidade dos jogos da vida. Isto nos possibilita deixarmos de ser meros reprodutores da ordem dominante para viver a alegria, o prazer e os desafios de sermos eternos aprendizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COIMBRA, Cecília M. B. - *Guardiães da ordem – Uma viagem pelas Práticas “Psi” no Brasil do Milagre*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
- FOUCAULT, Michel - *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC – RJ - Série Letras e Artes, Caderno nº 16, Junho/1974.
- FOUCAULT, Michel - *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GUATTARI, Félix - *As três ecologias*. São Paulo: Papirus, 1991.
- GUATTARI, Félix. e ROLNIK, Suely - *Micropolítica – cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

* Mestre em Psicologia e Práticas Sócio-Culturais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O presente artigo deriva da dissertação defendida em 1997, que tem por título “A beleza de ser um eterno aprendiz: uma reflexão sobre as Práticas de Supervisão no Estado do Rio de Janeiro”.

¹ Período compreendido entre a entrada da autora no curso de graduação em psicologia e a conclusão do curso de mestrado.

² O parecer 403/62 do Conselho Federal de Educação estabelece um currículo mínimo para os cursos de graduação em psicologia.